

montse osuna

O LIVRO SECRETO DA
**MAGIA
CELTA**

OS MISTÉRIOS DOS MAIS
PODEROSOS MAGOS DA WICCA

- Feitiços para amor, amizade, paixão, dinheiro, proteção e felicidade
- Saiba como fazer poções de amor
- Encantamentos para unir família, amigos e casais
- Como criar um talismã protetor
- E muito mais!



UNIVERSO DOS LIVROS

Materiais com diversos autores

Tradução do original *Magia celta: rituales de una religion ancestral*.

Copyright © 2005 by Montse Osuna.

Publicado nos Estados Unidos por Llewellyn Publications.

Woodbury, MN 55125 USA

www.llewellyn.com

© 2009 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial

Luis Matos

Diagramação

Claudio Alves e Stephanie Lin

Assistência Editorial

Regiane Barboza

Ilustrações

Edgar Rojas

Preparação

Alessandra Miranda de Sá

Capa

Jorge Godoy de Oliveira

Revisão

Evandro Lisboa e Fabiana Chiotolli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

085l Osuna, Montse

O livro secreto da magia celta/Montse Osuna; [tradução de Marcelle Barros]. – São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

160 p.

Tradução de: *Magia Celta: rituales de una religion ancestral*.

ISBN 978-85-7930-048-6

1. Magia Celta. 2. Esoterismo. I. Título.

1. CDD 133

SUMÁRIO

<u>Introdução</u>	<u>7</u>
<u>1 – A mensagem astral da natureza</u>	<u>11</u>
2 – Tradição e renovação da magia Wicca	23
3 – Ritual de proteção do santuário	41
4 – Segredos da saga do rei Artur	49
5 – Poderes e energias da magia druida	65
6 – Os encantamentos tradicionais da magia celta	93
7 – A oficina da bruxa moderna.....	135
8 – Iniciação à feitiçaria celta.....	147
9 – Epílogo.....	157

A mensagem astral da natureza



Neste começo de milênio, a cultura celta vive uma notável recuperação e expansão em todo o Ocidente, que coincide com a Era de Aquário e com um novo interesse pela sabedoria ancestral pertencente às antigas tradições e crenças pagãs. Essa sabedoria e seus mistérios foram recuperados pela magia Wicca, cuja base é uma manifestação esotérica da religião celta e do culto à força e à harmonia da natureza.

Os celtas entendiam que bosques, lagos, pedras, metais, ervas, animais selvagens e tudo o que existe sobre a terra está carregado de vibrações astrais. Essa energia do universo é o que mantém o equilíbrio entre nosso ser e o mundo natural que nos rodeia, ao mesmo tempo que oferece a possibilidade de enriquecer nossa vida com os poderes ocultos da mente e do espírito.

UMA VERDADEIRA RELIGIÃO

Pelo estilo de vida e lugares que habitavam, os celtas mantinham uma relação respeitosa e intensa com a natureza, o que lhes permitiu conhecer e utilizar todos os seus segredos, profundamente relacionados com as forças que dominam o cosmo.

Desse modo, estabeleceram crenças e valores que conformavam uma verdadeira religião ancestral, baseada em uma espiritualidade profunda. Essa religião remonta ao Paleolítico, quando as comunidades primitivas iniciaram os primeiros cultos não animistas e reconheceram deuses invisíveis e abstratos, em geral uma dualidade formada por uma deusa da fertilidade e um deus da caça e da guerra.

Com o tempo, o culto celta se tornou mais complexo e, assim como as mitologias grega e romana, estabeleceu diversos deuses, semideuses e seres fantásticos, cada um deles com poder sobre as distintas atividades humanas e os fenômenos naturais, como as colheitas, a fertilidade, as batalhas, os sentimentos, as enfermidades, a caça, as tormentas, a chuva, a seca ou as marés.

Além disso, foram acumulando um amplo conhecimento sobre as virtudes das ervas e de outras espécies vegetais, que supunham originárias dos corpos dos grandes magos e mestres druidas enterrados nos bosques. A sabedoria se estendia, ainda, aos poderes das pedras e dos metais, aos cursos de água e aos fenômenos meteorológicos.

QUEM ERAM OS CELTAS

Os celtas eram um antigo povo indo-europeu, a quem os gregos denominaram keltói, e os romanos, gauleses ou também gálatas. No final da Idade do Bronze, expandiram-se pela Europa Central e Ásia Menor, chegando a ocupar Roma em 390 a.C. e a invadir a Grécia no século seguinte. Mais tarde, a sucessiva expansão dos romanos e dos germanos obrigou-os a se retirar para o oeste, ocu-

pando principalmente as Ilhas Britânicas, parte do atual território da França e o norte da península Ibérica (daí o nome Galícia). Ainda que já produzissem um artesanato excepcional e possuísem uma cultura avançada, é possível que o esoterismo e a espiritualidade da religião mágica tenham se aprofundado devido ao contato com os primitivos bretões, que construíram o famoso monumento megalítico de Stonehenge, e com os legendários hiperbóreos (habitantes do extremo norte), supostos sobreviventes da desaparecida civilização da Atlântida e guardiões de sua sabedoria ancestral.

O culto à natureza não significa que a religião tenha sido apenas uma forma rudimentar e primária de explicar o mundo. Pelo contrário, a cultura celta foi uma das mais avançadas de seu tempo, tendo um desenvolvimento técnico e artístico que muitos estudiosos consideram, ainda hoje, inexplicável (talvez por não acreditarem em magia).

Assim como os primitivos egípcios, os celtas usavam a astronomia e a astrologia como instrumentos para conhecer e utilizar as energias cósmicas. O território deles era marcado por menires* e outros sinais que lhes indicavam os movimentos astrais, tal como se comprovou com o monumento pétreo de Stonehenge, erigido na planície inglesa de Salisbury.

Por meio desses e de outros elementos registravam ainda equinócios e solstícios, datas que davam lugar a importantes rituais e cerimônias mágicas destinadas a atrair a graça dos deuses nos ciclos anuais. Os eclipses eram outro fenômeno a que os magos celtas prestavam muita atenção, atribuindo-lhes o augúrio de grandes mudanças e transformações. Quando a lua nova se interpunha para bloquear a luz do sol, isso sinalizava o início de uma era favorável; por outro lado, um eclipse da lua, quando ela era coberta pela sombra da Terra, anunciava uma época de desgraças como castigo pelas maldades humanas.

*Monumentos megalíticos, isto é, compostos por blocos de pedra de grandes proporções, do período Neolítico. Geralmente tinham forma alongada e eram fixados verticalmente nos solos. [N. E.]

TUDO É MAGIA

A diferença entre o mundo celta e outras culturas ancestrais consiste na presença da religião mágica em todas as manifestações e atividades de uma forma de vida profundamente ecológica e espiritual.

Os celtas souberam conservar a estreita relação entre religião, magia e natureza, um dos pilares da antiga sabedoria. Os druidas eram sacerdotes e feiticeiros, além de conselheiros e guias da comunidade, tanto no plano espiritual como na vida cotidiana. Cada gesto ou atitude dos homens, mulheres e crianças celtas era, de algum modo, um ritual regido pela fé nas forças naturais que invocava a intermediação dos deuses.

As tarefas de cada dia, a estação de semear, a caça e as batalhas faziam parte de um destino regido pelos astros. Ferramentas, utensílios domésticos, armas, vestimentas, além de joias e artesanatos refinados tinham sempre um significado mágico que lhes conferia um poder especial. Para eles, não existia a separação entre o material e o espiritual, e tudo o que era terreno estava ligado à energia do universo por meio da magia.

A LUA E A TERRA: UM CULTO AO FEMININO

O centro do culto astrológico dos celtas era a lua, rainha dos mistérios da noite e símbolo do espírito feminino. A terra era venerada, por sua vez, como geradora de toda fecundidade, e ambas eram representadas pela Grande Deusa, mãe e mestra de todas as bruxas.

Embora reverenciassem o sol como deus do fogo e da luz, este era um culto prático e sem grande segredo quando comparado aos mistérios noturnos que a lua regia. Para os celtas, o verdadeiro poder esotérico e espiritual residia no astro lunar, e, em atos rituais ou atividades domésticas, davam grande importância a suas distintas fases.

Nos ciclos cotidianos, os celtas não contavam os dias, e sim as noites, e cada jornada começava na hora mágica da meia-noite. A lua era o centro de todos os ritos litúrgicos, além de marcar o calendário de 13 meses lunares de 28 dias, com um dia intercalado para cobrir o ciclo das estações. Cada mês se relacionava a uma árvore sagrada, que, por sua vez, como veremos adiante, fazia parte do zodíaco celta.

OS PODERES DA LUA

Na prática dos rituais e feitiços, os magos e as magas celtas prestavam grande atenção ao ciclo lunar, já que em cada uma das fases o astro da

noite emitia vibrações que favoreciam ou criavam obstáculos a determinadas energias cósmicas.

Lua crescente

É a fase de força benéfica e crescente; representa a figura da donzela. Rege tudo o que se relaciona à recuperação ou ao aumento das energias físicas e mentais, ao crescimento saudável, às novas uniões (bodas, associações, amizades etc.), à prosperidade material e à proteção e boa sorte em viagens, mudanças e traslados.

Lua cheia

É o momento de maior esplendor mágico e do poder gerador regido pela mãe. Na lua cheia são favorecidos todos os ritos e feitiços relacionados a invocações à Grande Deusa, com o objetivo de obter sabedoria astral e invocar milagres difíceis de realizar. É também a fase preferida pelos áugures e adivinhos para alcançar visões do futuro e do passado.

Lua minguante

Fase regida pela maga, beneficia tudo que se relaciona ao fim dos ciclos ou à reversão de influências negativas. Sua energia sutil é invocada para obter a finalização favorável de uma situação difícil (de saúde, trabalho, afetos, estudos etc.) e executar “contrafeitiços” que neutralizem e removam as vibrações malignas.

Lua nova

Os três caracteres femininos da Grande Deusa unem forças para iniciar um novo ciclo, cuja primeira fase protege todo princípio. A magia celta escolhia as noites de lua nova para invocar boa fortuna e proteção aos nascimentos (de pessoas e animais), à germinação do que fora semeado e ao início dos anos e meses. Por extensão, a magia Wicca aplica também a lua nova ao começo de estudos, relações, estadias fora de casa, convivências e outras situações da vida atual.

Os celtas assimilavam o ciclo lunar ao ciclo menstrual, que para eles purificava magicamente o corpo da mulher. Por isso, a deidade maior era feminina, e às mulheres eram atribuídos certos poderes de feitiço e adivinhação que os homens não podiam alcançar.

PRIMAZIA FEMININA

A importância e o respeito concedidos à mulher se expressavam em todos os aspectos da cultura celta. Os clãs e as linhagens seguiam a linha materna; os filhos adotavam o sobrenome da mãe, assim como as filhas, que eram as herdeiras dos bens familiares. Além do culto à Grande Deusa, havia ainda deusas da guerra, e as próprias mulheres participavam dos combates, acompanhando e às vezes conduzindo os homens.

AS DRUIDISAS DA GRANDE DEUSA

Na magia Wicca, a Grande Deusa recebe o título de “Mãe de todas as bruxas”, porque nos primórdios da religião só as sacerdotisas ou druidisas oficiavam o culto, ainda que, com o passar do tempo, permitiu-se que os homens também se iniciassem como druidas.

As druidisas dividiam-se em três categorias, segundo os conhecimentos e dons esotéricos. As de mais alto nível permaneciam solteiras e viviam em comunidades dedicadas ao culto, por isso alguns autores as consideram como modelo das monjas cristãs. As outras duas classes sociais de druidisas exerciam funções e ritos sacerdotais, mas podiam se casar, ter filhos e compartilhar a vida da comunidade. Diz-se que essas mulheres sábias e detentoras de dotes mágicos foram qualificadas como bruxas por romanos e cristãos.

AS NOIVAS FÉRTEIS

Os celtas consideravam o sexo como um dom da natureza, do qual cada pessoa podia desfrutar livremente. Longe de reprimi-lo, estimulavam e celebravam sua prática, e de certa forma veneravam a concepção como uma graça divina. As jovens virgens eram respeitadas como executoras de ritos específicos e como possíveis druidisas de maior valor, mas as mães solteiras eram preferidas como futuras esposas, pois já haviam demonstrado fertilidade.

O BOSQUE SAGRADO

Na religião mágica dos celtas não havia altares nem templos, uma vez que todos os atos do culto deviam ser realizados ao ar livre, em contato com a natureza.

Acredita-se que as grandes cerimônias anuais aconteciam em pontos geográficos significativos, que concentravam vibrações da energia cósmica.

mica. Por exemplo, determinadas ilhas de um lago ou próximas da costa marítima, ou os cumes montanhosos (como o de Peñalba de Villastar, em Teruel, onde se cultuava ao deus Lug). Porém, o lugar mais habitual para invocações e feitiços dos druidas era uma clareira em um bosque, sob a luz da lua.

CARVALHOS E VISCOS

De certa maneira, o bosque era o “templo” dos druidas e das druidisas, e as árvores tinham papel fundamental como agentes da divindade e dos poderes astrais. A mais reverenciada era o carvalho, assim como a planta semiparasita chamada visco. Portanto, o recinto mágico mais buscado era um bosque de carvalhos cujas árvores mostrassem abundante presença de visco entre os galhos (os ramos desse arbusto, por terem peculiares bagas, continuam sendo utilizados ainda hoje como elemento mágico, não só entre os oficiantes da magia Wicca, mas também em festas e celebrações familiares).

POETAS E ADIVINHOS

Depois da classe sacerdotal situavam-se duas classes sociais de oficiantes em rituais e cerimônias célticas: os bardos, ou poetas cantores, e os vates, que compunham canções reveladoras de augúrios e premonições. A poesia e o canto, aliados à dança das sacerdotisas ou donzelas, eram parte fundamental da liturgia celta.

A DONZELA, A MÃE E A MAGA

Dentro deste mundo de dominância feminina, a Grande Deusa encarnava os atributos que a cultura celta mais valorizava nas mulheres: a donzela, símbolo de pureza, amor e juventude; a mãe, figura fecunda que exercia o mistério da concepção, dominando o desenrolar das gerações; e a maga, dona dos mistérios do universo e senhora da terra e da lua.

Cada uma dessas emanções da Grande Deusa recebia uma série de significados e atributos dentro da crença da religião celta.

A DONZELA

Regia na época de lua crescente; sua cor emblemática era o branco ou os matizes mais luminosos do amarelo e do rosa. Sua figura representava o florescimento da vida, a primavera e a transposição das gerações.

O DRUIDA E A FOICE DE OURO

O grande naturalista romano Plínio, o Velho, descreve em uma de suas obras a solene cerimônia da captura do visco entre os galhos do carvalho. Segundo ele, o ritual acontecia à noite, no sexto dia do quarto crescente, e o objetivo era utilizar o carvalho em feitiços de fecundidade e como cura de intoxicações e envenenamentos. Os galhos de bagas e folhas deviam ser separados do carvalho com uma foice de ouro, e quanto mais o visco estivesse aderido à casca do hospedeiro, maior seria seu poder mágico.

A MÃE

Era invocada nas noites de lua cheia; suas cores eram o vermelho e o verde, muito frequentes na simbologia dos povos de origem celta. Reinava em particular na plenitude do verão, representando a maturidade, a abundância e a fertilidade.

A MAGA

Último ponto do ciclo vital, reinava sobre o quarto minguante da lua; suas cores eram o preto, o cinza e o vermelho-escuro. Simbolizava a união da velhice e da sabedoria, o inverno da vida que prepara um novo renascer na reencarnação.

Dependendo do momento e do propósito do ritual, ou do próprio ritual, a Grande Deusa podia ser invocada sob qualquer uma das três figuras. Às vezes aparecia acompanhada por Cernunnos, o deus cornífero, o qual algumas tradições consideram seu consorte e outras, uma emanção do lado masculino da Divindade.

CERNUNNOS: O DEUS CORNÍFERO

Qualquer que seja sua relação com a Grande Deusa, Cernunnos ocupa, sem dúvida, o segundo lugar de privilégio no Olimpo da religião celta. Era o deus que regia a vida animal e a fortuna das expedições de caça ou de guerra. É representado como um homem maduro e barbado, com chifres e orelhas de cervo, às vezes acompanhado de uma serpente também com cornos.

O ornamento característico de Cernunnos era o colar metálico, com um pingente mágico em forma de meia-lua truncada e dois broches esféricos nos extremos. O colar era um talismã de poder ambivalente, já que, segundo o humor do deus, tanto podia atrair a boa fortuna como desatar terríveis desgraças.

Muitos autores assinalaram a semelhança entre a figura de Cernunnos e a representação da imagem cristã de Satanás. É provável que a dupla participação do deus cornífero no mundo da luz e no das sombras tenha influenciado as primeiras representações do Anjo Caído.



Figura 1.1: Cernunnos: o deus cornífero.

O PENTÁCULO

O símbolo que representava a Grande Deusa era o pentáculo, ou estrela de cinco pontas, cujas linhas interiores formam um pentágono e os extremos se inscrevem em um círculo.

Essa figura mágica representa a força da divindade no vértice superior, e as outras quatro pontas simbolizam os elementos primários da natureza: o ar, a terra, a água e o fogo.

Toda invocação à Grande Deusa deve estar presidida pelo pentáculo, presente também na maioria dos rituais e feitiços da magia Wicca como

instrumento de proteção e controle do conjuro, para afugentar as forças do mal.

O PENTÁCULO INVERTIDO

O símbolo que representa Cernunnos nas cerimônias e conjuros celtas é o pentáculo invertido, ou seja, com o vértice principal apontado para baixo, que na terminologia Wicca se denomina *pentagrama*.

Devido à ambiguidade do deus consorte, o pentagrama é visto muitas vezes como uma simbolização do mal e das forças sombrias da natureza. Algumas magas, hoje em dia, costumam executar feitiços sobre o desenho do pentáculo invertido, para manter as energias malignas.

Em algumas irmandades atuais de magia Wicca, o pentagrama é utilizado também para identificar os membros que alcançaram o segundo nível de sabedoria esotérica.



Figura 1.2: Pentáculo.



Figura 1.3: Pentáculo invertido.

UMA ANTIGA OPOSIÇÃO

Desde tempos ancestrais, a magia luminosa, presidida pela Grande Deusa, enfrentava abertamente a magia sombria, que utilizava as forças do mal. Essa feitiçaria negativa deu origem aos mitos sobre a magia negra, os encontros de bruxas e os pactos satânicos, que foram um pretexto para a perseguição de druidisas e suas discípulas na Idade Média.

A oposição entre o bem e o mal, presente em todas as tradições e crenças humanas, expressou-se na religião celta pela diferença entre o mago ou a maga bons e o bruxo ou a bruxa malignos que invocavam os espíritos negativos. Ambos se apoiavam em seres sobrenaturais como fadas, ogros ou monstros, em animais fantásticos como hidras ou dragões, assim como atribuíam poderes mágicos a espécies reais do reino animal e vegetal. Também intervinham os chamados “pequenos seres”: elfos,

gnomos e duendes, que viviam nos bosques ou às vezes pertenciam, com exclusividade, a uma família ou clã.

Na atualidade, as regras estabelecidas pela moderna magia Wicca descartam qualquer utilização maléfica da feitiçaria e promovem o uso da magia luminosa. O código exige aos praticantes que os conjuros se destinem sempre a obter o bem, em especial para os demais, e a evitar ou reparar desgraças e infortúnios.

UMA SABEDORIA RECUPERADA

Os celtas viviam envolvidos na magia espiritual da natureza e tinham contato com ela por meio de ritos e cerimônias que hoje foram investigados e renovados pela magia Wicca. A prática da magia luminosa nos permite recuperar os mistérios ancestrais e utilizá-los para o bem próprio e do mundo que nos rodeia.

Os executores dos rituais maiores da magia celta eram os druidas e as druidisas, mas cada um também podia praticar os próprios feitiços, desde que respeitasse as condições estabelecidas pelo culto. A difusão dos rituais pagãos e sua forte influência nas pessoas foi o principal obstáculo que os primeiros missionários e monges cristãos encontraram para difundir sua fé.

CONFLITO DE RELIGIÕES

A estratégia inicial do cristianismo foi adaptar alguns aspectos da religião celta, como a assimilação da Trindade, com os três aspectos da Grande Deusa, ou o Gênese, com os mitos celtas sobre a criação do mundo.

Tal fenômeno, conhecido como “sincretismo religioso”, não foi suficiente para impedir que muitos celtas, principalmente as mulheres, continuassem celebrando em segredo os ritos mágicos. Inicia-se, assim, uma dura perseguição às executoras e participantes dessas reuniões ocultas, uma “caça às bruxas” que se estende a outras formas do esoterismo pagão e que abarcou quase toda a Idade Média, chegando até o início do século XVII. As druidisas e magas que tentaram conservar seu culto foram levadas à fogueira, e todo o mundo mágico de origem celta viu-se obrigado a se ocultar no hermetismo.

Ao longo do tempo surgiram sábios e magos que continuaram exercendo a ciência mágica e profética das tradições pagãs, às vezes combinadas com o ocultismo maçônico e de certas seitas cristãs, como a dos cátaros e a dos templários.

RUMO À MAGIA LUMINOSA

Com a chegada do século XIX, surgiram em distintos pontos da Europa novos estudiosos e irmandades esotéricas que se dedicaram a investigar e reconstruir os conhecimentos e rituais mágicos da religião celta.

Esse conjunto de valores, crenças e ritos levou mais tarde o nome de magia Wicca (talvez uma contração de *witchcraft*, “bruxaria”), que se desenvolveu particularmente nas Ilhas Britânicas, principal âmbito da antiga civilização celta. Os grandes mestres Wicca investigaram todos os componentes mágicos e esotéricos de sua religião e cultura, e recuperaram e compararam um grande número de rituais, invocações, feitiços e conjuros.

Estudiosos e oficiantes da magia Wicca adotaram de forma estrita os valores espirituais e éticos da religião druida, ressaltando os aspectos mais positivos e, então, rechaçando toda prática maléfica ou destrutiva. Estabeleceu-se assim uma nova magia luminosa, que utiliza o poder astral da natureza para honrá-la e respeitá-la, ao mesmo tempo que busca expandir o bem e a prosperidade espiritual e telúrica das pessoas.

Wicca, a magia luminosa, é a base da bruxaria ocidental moderna, que nos oferece a oportunidade de viver mais plenamente, em harmonia com a natureza, e utilizando com boa intenção as poderosas energias das vibrações do universo.

NOSTRADAMUS E CAGLIOSTRO

Entre as figuras mais proeminentes que surgem com o final do obscurantismo da Idade Média estão Michel de Nostradamus, na França, e Alessandro Cagliostro, na Itália. O primeiro era um médico e astrólogo provençal que viveu na primeira metade do século XVI. Ficou famoso ao combater a peste por meios esotéricos e foi médico do rei Carlos IX. É autor de *Centúrias astrológicas*, célebre conjunto de profecias e augúrios. Dois séculos mais tarde se manifestou o poder hermético de Cagliostro, conde siciliano que percorreu a Europa e o Oriente Médio assombrando com suas curas e aptidão para realizar milagres. Foi condenado à prisão perpétua por um tribunal da Inquisição e morreu na prisão em 1795.

Introdução



Quando, há alguns anos, decidi assinar como Bruxa Moderna os meus trabalhos de difusão e divulgação das artes mágicas, não fui movida apenas por capricho ou casualidade; naquele momento havia percebido que as pessoas desta época necessitam, talvez mais do que as de qualquer outra, do apoio espiritual, mental e emocional que a magia pode proporcionar.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

xas modernas que as praticam, chegou o momento de conhecer, passo a passo, os recursos que devem ser utilizados.

Lembremos uma vez mais que exercer a magia luminosa é, antes de tudo, uma decisão espiritual e mística que supõe profunda fé nas energias do universo como instrumento divino, e também um sincero compromisso ético e ecológico de respeitar e venerar todas as manifestações da natureza.

Tais eram as bases da religião mágica dos celtas e, ao aceitá-las e praticá-las, nos convertemos, de certa maneira, em druidisas e druidas do século XXI.

O “SANTUÁRIO” DOS ENCANTAMENTOS

Não é fácil encontrar ilhas selvagens ou bosques de carvalhos para realizar feitiços como os antigos druidas faziam. A magia Wicca nos permite realizar as práticas em edifícios urbanos, mas exige, para tanto, o preparo de um ambiente reservado e propício. Devemos, portanto, escolher um lugar para essa finalidade, cuidando para que atenda às seguintes condições:

- Ser um local que se perceba como favorável e onde nos sintamos bem.
- Ser possível isolar-se no local por pelo menos duas horas em algumas noites.
- Deve haver espaço suficiente para o altar e para se movimentar.
- Não deve ser um local habitual de reuniões nem de atividade familiar.
- Se possível, ter uma janela para receber a luz da lua.
- Não deve receber excesso de ruídos externos.
- Não deve ser um lugar de passagem nem passível de interrupções.

SANTUÁRIOS FIXOS OU DESMONTÁVEIS

Para orientar na escolha do santuário, utilizaremos alguns exemplos de opções que conhecemos por experiência. Algumas bruxas que vivem sozinhas ou dispõem de uma moradia ampla dedicam um cômodo exclusivo para as práticas. Outras fazem o mesmo por viverem com pessoas que aceitam a fé da religião celta e que, inclusive, também praticam a magia Wicca. Essas são situações ideais, mas o mais comum é que as executantes wicca escolham o próprio quarto ou um canto da casa pouco frequentado durante a noite. Nesse caso, devem



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

bastante importante uma boa higiene corporal, em especial dos cabelos, da boca, das mãos e unhas, e iniciar o trabalho mágico pelo menos uma hora depois de haver consumido alimentos.

A VESTIMENTA

Os antigos druidas e druidisas se distinguiram por vestir uma larga túnica talar (que chega até os calcanhares) de cor branca. Sem contar o significado simbólico e distintivo, era também uma prenda apropriada para os rituais e as práticas mágicas.

A magia Wicca decidiu conservar a túnica como vestimenta para os oficiantes, ainda que não de forma obrigatória. O uso depende das preferências e circunstâncias de cada um, porém recomendamos utilizá-la sempre que possível, pois comprovamos que vestir uma túnica talar costuma ajudar a obter e manter o estado de concentração e espiritualidade necessário para favorecer os atos mágicos.

A túnica deve ser branca ou muito clara, aberta apenas no colarinho e com o corte e as mangas bem largas, talvez com alguma fita ou franja de motivos naturais. A saia deve cair com naturalidade e amplitude, com a borda um pouco acima dos tornozelos para favorecer os passos rituais. Não deve haver capuz nem outros complementos, ainda que se admita um cordão na cintura no qual possa se pendurar um talismã.

ARRANJOS E ADORNOS

Não convém usar maquiagem facial nem unhas pintadas. O cabelo deve estar limpo e solto (caso prefira, preso com uma tiara de folhas ou de flores brancas). As pedras e os metais têm influência específica sobre as vibrações, por isso só podem ser usados colares ou joias que façam parte dos elementos de determinado feitiço.

Também é aconselhável tirar anéis ou pulseiras, que, quando for o caso, serão utilizados soltos sobre o altar, segundo as indicações da receita mágica que se queira realizar.

FERRAMENTAS DA MAGIA CELTA

Antigamente, as pessoas que se dedicavam à magia destinavam seu tempo somente a esse trabalho. Como apontamos antes, recolhiam e produziam com as próprias mãos tudo o que seria empregado nos rituais: túnicas, sandálias, diademas de flores, varinhas mágicas, faca ceri-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

fósforos. Nos rituais não só se acendem velas como às vezes é necessário queimar papéis, ervas, tecidos etc.

Pergaminhos, papéis e cartolinas

De diferentes cores e tamanhos, podemos cortá-los de acordo com a necessidade. Pergaminhos, papéis e cartolinas podem ser necessários para escrever pedidos, desenhar símbolos ou mesmo para definir os quatro pontos cardeais, quando não houver uma bússola à mão, ou quando no cômodo em que estivermos trabalhando não for possível seguir essa ordem. A magia moderna exige que utilizemos papéis reciclados.

Tesouras

Servem para poder cortar tudo o que não puder ser cortado com a faca cerimonial, como papéis, uma coroa de flores, cordões e demais instrumentos de uso.

Marcadores de texto, canetas e gizes

De várias cores, nos servirão para desenhar símbolos, círculos, pentagramas, escrever pedidos etc.

Agulhas e linhas de costura

Devem ser de distintas cores, para poder preparar saquinhos, coroas de flores e tudo o que for necessário costurar.

Outros utensílios

Cordões, que podem ser de couro ou de lã; cola; e um recipiente de barro ou cristal pequeno para jogar fósforos usados, pedacinhos de papel, cordões e outros objetos que não sirvam ou que sobrem; purpurinas de várias cores; caixas etc.

Cada bruxo precisa de determinados instrumentos e deve trabalhar cercado dos que sabe que utilizará mais.

TIPOS DE ENCANTAMENTO

É normal que os profanos façam certa confusão com as diferentes ações, operações e recursos que bruxos e bruxas utilizam. Inclusive em textos de di-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

abracadabra
bracadabra
racadabra
acadabra
cadabra
adabra
dabra
abra
bra
ra
a

RUNAS CÉLTICAS

Os celtas utilizavam uma escritura na qual combinavam 24 signos chamados runas. A denominação provém do antigo escandinavo *rûn*, que significa, por sua vez, letra e ciência, ou sabedoria. A magia druida atribuía a cada runa um significado esotérico e determinados poderes mágicos que utilizavam em rituais e feitiços, inscrevendo-a em pedras ou na casca das árvores sagradas. Há inscrições rúnicas datadas do século III, e posteriormente os godos estenderam o alfabeto pela Europa, onde se manteve em caráter hermético e produziu-se manuscritos secretos como o *Codex Runicus* do século XIV, que descreve um código adivinhatório por meio de combinação das runas.



Guerreiro



Comunicação



Amizade

Figura 2.1: Runas.

LETRAS E NÚMEROS MÁGICOS

A partir do descobrimento e da difusão das primeiras escrituras, a religião e a magia atribuía a algumas letras valor e poder simbólico e catalisador de vibrações semelhante ao que já atribuía a



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Devemos dispor, portanto, de um objeto de cada um desses metais, de tamanho adequado para permitir o manuseio (como uma chave de ferro, um puxador de bronze, um anel de ouro e um brinco de prata, ou peças semelhantes). Se utilizarmos joias, elas não devem possuir pedras nem outros componentes, apenas o metal escolhido, como uma aliança de ouro, por exemplo.

Antes de iniciar, temos de retirar do altar e do ambiente do santuário todos os elementos simbólicos ou esotéricos, de modo que permaneça absolutamente despojado. Assim, se poderá estabelecer uma relação mais poderosa entre os metais e as vibrações protetoras do universo e da natureza. O único catalisador será a chama votiva, cujo castiçal deixaremos sobre a mesa no centro do altar.

EXECUÇÃO DO RITUAL

Acendemos a chama votiva e colocamos diante dela um prato ou uma vasilha de madeira com os seguintes frutos: um pedaço de maçã com casca, meia noz sem casca, três uvas e três frutos do bosque (morangos, framboesas, groselhas etc.).

À esquerda, posicionamos os objetos de ouro e de ferro, e, à direita, os de bronze e de prata. Concentramo-nos um momento com os olhos fechados e fazemos três inspirações profundas. Em seguida, iniciamos o ritual com os seguintes passos:

1. Seguraremos o objeto de ferro com a mão esquerda, fecharemos a mão e esticaremos o braço em linha reta, pronunciando o seguinte pedido:

*Deusa lua do poder astral
com este escudo de ferro
protegei meu recinto do mal.*

Pegaremos o pedaço de maçã com a mão direita e o levaremos à boca. Enquanto o ingerimos, imaginaremos o escudo protetor sobre nós.

2. Seguraremos o objeto de bronze com a mão direita, fecharemos a mão e esticaremos o braço, recitando:



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

são necessários elementos de grande força energética e vibrações ao mesmo tempo intensas e controláveis.

Recomendamos aos principiantes que não se lancem a feitiços muito espetaculares, cuja manipulação possa ser contraproducente. A magia bem executada pode produzir mudanças às vezes surpreendentes, mas não faz milagres.

Elementos essenciais

São eles:

- o pentáculo (direção e controle do processo);
- a vela mestra (produção e canalização de vibrações);
- uma vela azul (geração e otimização de forças astrais);
- uma gema de esmeralda (poder, fecundidade, criatividade);
- um objeto de prata (energias de renovação e transmutação).

CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO

Os elementos essenciais que enumeramos para os três poderes básicos da magia celta não são, em absoluto, imprescindíveis ou inalteráveis. Constituem um guia dos componentes naturais que possuem mais vibrações favoráveis em cada caso geral, cuja utilização deve ser considerada para um encantamento em particular. É possível que nem todos os componentes possam ser incluídos, que alguns entrem em contradição ou se sobreponham a outros recomendados para esse fim específico, ou ainda que não possamos dispor de alguns e tenhamos de substituí-los.

Não devemos hesitar em adaptar, combinar ou até mesmo mudar os componentes de acordo com o tipo de propósito que desejamos alcançar com o encantamento. Para isso podemos consultar o Capítulo 5 deste livro, que descreve as propriedades mágicas dos elementos e qualidades da natureza; e o Capítulo 6, que apresenta 33 encantamentos para distintos temas e assuntos que afetam a nós e a nossa vida.

A partir dessa base e da própria experiência, é fundamental ampliar a imaginação e a criatividade para provar e investigar novos caminhos na prática esotérica. Uma das grandes virtudes da sábia herança druida é a convicção de que sempre se pode descobrir algo novo na utilização das energias cósmicas do céu e da terra, e que essas energias atuam em um intercâmbio pessoal diferente com cada um de nós.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

da vela. Devemos nos colocar de pé aos pés da cama e nos concentrar profundamente, segurando a vela com as mãos juntas à altura do peito. Depois deixamos o castiçal sobre a cabeceira da cama ou a mesa de cabeceira, e iniciamos o feitiço cumprindo os seguintes passos:

1. Colocar o pentáculo no centro da cama (se forem duas, entre ambas ou na que a mulher ocupará), com o vértice principal para baixo, em posição de pentagrama.
2. Esticar os braços para frente, olhando fixamente o pentagrama, e pronunciar o seguinte encantamento:

*Oh, Cernunnos, deus da virilidade,
abençoe este ambiente com fecundidade!*

3. Mudar de posição o pentáculo, de maneira que permaneça com o vértice principal virado para cima.
4. Abrir por completo os braços para os lados, olhando fixamente o pentáculo, e pronunciar o seguinte encantamento:

*Oh, Grande Deusa da concepção,
que tua luz abençoe esta habitação!*

5. Abaixar os braços ao longo do corpo, elevar a cabeça com os olhos fechados e visualizar o cômodo como um ambiente encantado para favorecer o nascimento de uma nova vida.
6. Colher a chama da vela com o pavio de pergaminho e acender com ele o defumador, esperando até que esfumace bem.
7. Agitar o defumador sobre a cama e girar devagar para a esquerda em um círculo completo para defumar todo o recinto enquanto repetimos sete vezes:

Assim seja e assim será!

O cômodo deve permanecer fechado e vazio durante 77 minutos antes que o casal em questão entre nele. Como não somos o poderoso



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

margens do lago que tinha cravada no centro uma esplêndida espada de linda empunhadura.

Correu o boato de que aquela espada era mágica e invencível, mas só poderia ser arrancada da pedra pelo cavaleiro que os deuses haviam escolhido como futuro rei da Inglaterra. Todos os jovens nobres tentaram arrancar a espada da pedra, mas, por mais que se esforçassem, não conseguiam movê-la. Então, apareceu Artur; segurou a empunhadura e tirou a espada da pedra com assombrosa facilidade. Nesse momento surgiu das ondas a Dama do Lago e, diante de todos os que estavam presentes, anunciou:

– Esta espada se chama Excalibur, e, se usá-la com honra, ela o defenderá de todos os perigos que ameaçarem seu reino.

Assim se deu. Empunhando a Excalibur, o jovem Artur realizou numerosas façanhas e se viu protegido por ela de todas as ameaças.

Os mestres da magia Wicca entendem que a extraordinária força protetora de Excalibur não residia de fato na espada, e sim nas vibrações astrais que emitia devido a um feitiço feito pelo Merlim. Eles conseguiram recuperar o segredo daquele feitiço e modificaram alguns de seus passos para que fosse possível utilizá-lo nas condições de vida atuais.

INGREDIENTES

São eles:

- 2 velas brancas;
- 1 rosa branca;
- 1 rosa vermelha;
- 1 correntinha de ouro;
- 1 ramo de visco;
- 1 folha de papel-pergaminho.

ELEMENTOS

São eles:

- o pentáculo;
- 1 espelho redondo de parede;
- 1 pedra média;
- e... sua Excalibur.

Sua Excalibur é o elemento principal do feitiço e representa a arma mágica que protegia o rei Artur. Como não é fácil conseguir uma espada, pode-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

SEXTA-FEIRA

Último dia de trabalho semanal para muitos de nós, a sexta-feira é regida por Vênus, estrela da manhã e deusa do amor e da voluptuosidade. Ela coloca sua efervescente energia no bronze, que os druidas usavam para encantamentos amorosos e a fim de tornar mais doces as melodias dos bardos. Era também o dia apropriado para recolher o visco e proteger o equilíbrio ecológico da natureza.

SÁBADO

Segundo a tradição bíblica, dia dedicado a Deus e ao descanso; os celtas acreditavam que este dia era regido por Saturno, ou Cronos, deus grego do tempo. Seu metal favorável é o chumbo, cujas vibrações protegem as distintas etapas da vida, e os lares e bens que estiverem sob risco de perda.

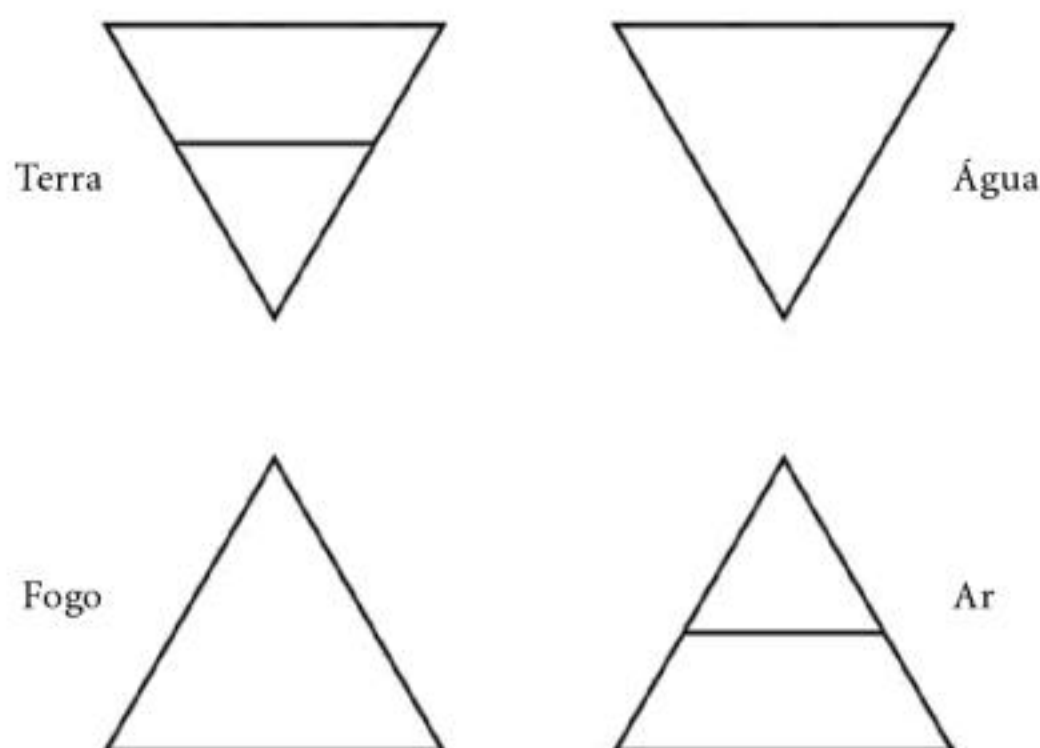


Figura 5.1: Os quatro elementos.

OS SABÁS DO ANO CELTA

A palavra “sabá”, de origem hebraica, nomeia o dia dedicado ao descanso e à devoção, e passou a designar na Idade Média supostas cerimônias de bruxas para cultuar o diabo. Tal transposição se deve à mistura das celebrações rituais de druidas e druidisas com a superstição de que os judeus adoravam Satanás. Permaneceu, portanto, o vocábulo para os grandes momentos mágicos que marcam o calendário anual na tradição mística dos celtas.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

vezes convinha atenuar sua força substituindo-a por outra cor complementar, ou inclusive oposta. Mas, nos feitiços e conjuros simples, em geral, cumpriam sua função favorável, acompanhadas dos ingredientes e elementos adequados.

A RECUPERAÇÃO DO FOGO

Não é fácil entender por que os celtas atribuíam ao fogo o símbolo de um báculo ou cajado de madeira. Uma explicação possível é que houvesse chegado até eles um belo mito grego que conta como os homens perderam o fogo e depois o recuperaram. O mito conta que Zeus, cansado da soberba da espécie humana, tomou-lhes o fogo. Prometeu, pai da humanidade, compadeceu-se por seus filhos, que passavam frio e comiam carne crua e, por isso, pediu a sua protetora, a deusa Atena, que o ajudasse. Ela o fez entrar às escondidas no Olimpo, onde o herói pegou algumas brasas do carro do sol e as ocultou em uma vara oca que levava como bastão. Assim, os homens puderam recuperar o fogo. E talvez esteja aí a relação do fogo com o cajado.

VERMELHO: A POTÊNCIA E A PAIXÃO

Muito utilizado em um grande número de encantamentos, o vermelho era uma cor tão imprescindível quanto infalível em assuntos relacionados com a força, o valor, a habilidade guerreira e também com a paixão amorosa e a potência sexual. Suas qualidades eram reforçadas em contato com o fogo (por exemplo, acendendo uma vela vermelha) e controladas em contato com a água ou com a cor verde, talvez pelo fato de as fogueiras ou incêndios serem apagados com água ou com ramos e folhas.

Os chefes e grandes guerreiros costumavam usar túnicas ou capas vermelhas como símbolo de autoridade, e as sacerdotisas e vestais usavam vermelho nas danças e rituais de caráter erótico e sensual consagrados à deusa loba Ceridwen ou a sua congênere, Anu, uma espécie de Vênus do Olimpo celta.

Na magia Wicca atual, o vermelho é uma cor bastante presente no altar e nos utensílios do ofício de um ato mágico. Além desse fato, convém levar uma prenda ou objeto vermelho como amuleto nas seguintes situações:

- recuperar-se rápido e sem sequelas de uma doença;



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

conjuros relacionados a assuntos de amor romântico ou amizades e afetos duráveis. As vibrações do rosa são tão intensas quanto demarcadas, por isso funcionam melhor nos laços de pessoa a pessoa do que em questões de união e solidariedade em grupos ou comunidades.

Ao que parece, os celtas foram um dos primeiros povos a relacionar o rosa com a condição feminina, mas com uma visão completamente distinta da tradição posterior, que supunha fragilidade e trivialidade. Para eles, a mulher era a força geradora, dona do mistério dos sentimentos e da sabedoria de sua continuidade, algo que os homens não podiam alcançar.

Talvez, em assuntos de amor e carinho, a enumeração das situações nas quais podemos recorrer à sábia proteção do rosa seja óbvia e necessariamente incompleta. Mencionaremos apenas algumas das mais frequentes, nas quais os amuletos rosados são eficazes:

- em um primeiro encontro sentimental;
- quando devemos ser perdoados por um deslize;
- momento em que um afeto parece se diluir ou se distanciar;
- em um reencontro que desejamos consolidar;
- quando o outro não compreende nossas razões.

PROPRIEDADES DAS ERVAS

Esta obra necessitaria de vários volumes para conter toda a sabedoria celta e medieval sobre as virtudes mágicas e curativas das ervas dos bosques europeus e mediterrâneos. Os druidas eram herboristas capazes que empregavam seus conhecimentos não só nos próprios feitiços, mas também na importante função de curadores e protetores dos débeis e doentes, bem como de motivadores do valor e da força dos guerreiros e caçadores (como popularizado pelas histórias de Asterix, Obelix e do druida Panoramic, com seu caldeirão mágico).

Aqui nos limitaremos a falar de algumas das ervas e substâncias naturais mais empregadas na tradição druida, segundo o assunto, desejo ou propósito que se queira alcançar por meio das vibrações mágicas.

SAÚDE, BEM-ESTAR E LONGEVIDADE

A lista seria interminável, mas nesta qualidade de cura e proteção física e psíquica podemos destacar como principais as seguintes ervas, de “uso geral”, empregadas pelos celtas: a sálvia, a menta, o tomilho, a valeriana, o coentro, a noz-moscada, as folhas de cedro e a arruda.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

mos também, em seguida, como utilizar a natureza e a quais feitiços e conjuros a empregaremos.

Os antigos druidas escolhiam as madrugadas, quando as flores e ervas ainda estão banhadas pelo orvalho da manhã, para cortá-las com sua afiada foice de ouro. Escolhiam todas as que, pelo bom estado e devido à época do ano, estivessem prontas para ser colhidas. Não é nada difícil fechar os olhos e imaginá-los caminhando pelos bosques, com as longas túnicas, que no inverno tinham um capuz para o frio, as sandálias e demais utensílios fabricados por eles mesmos. Já sabemos que naquela época os celtas não dispunham de meios e recursos suficientes, nem existiam, como hoje em dia, fábricas que os abastecessem. Mas tinham um sistema mais ou menos organizado de intercâmbio de mercadorias dentro das próprias aldeias e com as aldeias vizinhas, o que tornava a vida um pouco mais fácil, permitindo que cada um se especializasse na tarefa que podia dominar ou com a que se sentisse mais cômodo e apto para trabalhar.

Mas os druidas eram os únicos que não entravam nesse sistema de intercâmbio de roupas, calçados ou outros utensílios, porque, como já sabemos, eles mesmos fabricavam o imprescindível com as próprias mãos.

Não pretendo que você fabrique o próprio vestuário completo ou tudo aquilo que utilize na vida cotidiana, mas algumas coisas mínimas, como veremos no Capítulo 7. Esses mínimos componentes são tudo o que você usará nos rituais e na coleta de flores e ervas, por exemplo, a faca cerimonial, na falta de uma ancestral foice de ouro. Neste momento recomendaria que, se não tivesse uma túnica pronta, abrisse o armário e escolhesse uma vestimenta cômoda, incluindo roupa íntima e sandálias ou outro calçado confortável. Recolha toda essa roupa e lave-a à mão com sabão neutro. Durante a atividade, visualize que está vestido com a roupa, segurando a faca cerimonial na mão e fazendo a própria coleta.

Uma vez lavada toda a roupa, estenda-a ao sol. Não execute essa tarefa em um dia chuvoso ou com nuvens; escolha um dia ensolarado em que você esteja animado. Esses detalhes são de suma importância, pois temos de impregnar com as melhores vibrações tudo o que preparamos para nossos trabalhos de magia.

Para melhor orientação sobre quais plantas e flores serão mais úteis para os trabalhos, apresento a seguir uma lista simples de algumas delas e os feitiços aos quais devem ser empregadas.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Água-marinha: a serena confiança. Diz-se que, quando os guerreiros celtas marchavam para a guerra, as esposas lhes entregavam uma água-marinha para que mantivessem a tranquilidade e a fé em si mesmos durante o combate. Essa formosa gema de reflexos azuis ou verdes se relaciona de modo simbólico com o mar, e os druidas lhe atribuíam o poder da força serena e da confiança em si próprio e nos demais.

Na atual magia luminosa, a utilizamos com os mesmos propósitos de paz interior e autoestima, em especial para tratar problemas nervosos ou de depressão e angústia. A associação com a água favorece sua eficácia nos assuntos emocionais, e é de grande ajuda para alcançar ou recuperar a paz mental e espiritual.

Âmbar: o magnetismo sentimental. Ainda que sua origem não seja mineral, tanto a tradição celta quanto outros arcanos ancestrais incluem o âmbar entre as pedras naturais com poderes mágicos. Na realidade, trata-se de uma resina vegetal fóssil que se solidificou apresentando o aspecto de uma gema de tons amarelos e alaranjados. A força de suas vibrações é tão notável que a própria ciência oficial lhe atribui propriedades eletrostáticas (cargas magnéticas em repouso que interagem com o entorno).

Os druidas a empregavam em problemas sentimentais muito complicados, na eliminação de energias negativas e na recuperação da harmonia astral entre os componentes de um casal. Em sua vertente medicinal, recomenda-se para tensão nervosa, problemas brônquicos e dores musculares.

Ametista: a espiritualidade criativa. Esta bonita variedade de quartzo, de intensa cor violeta, é a gema espiritual consagrada pelos druidas para o desenvolvimento da mente e da filosofia. As druidisas sábias costumavam levá-las nas tiaras e os bardos as empregavam como pingente quando se dispunham a compor poemas e canções.

Hoje, é usada para favorecer tanto as tarefas intelectuais e os estudos difíceis quanto a criatividade e a inspiração. Se a colocarmos durante a noite sob o travesseiro, é provável que encontremos no sonho as soluções e novas ideias que buscávamos no estado de vigília. Em um campo mais geral, a ametista ajuda também a sentir alegria e paz interior, e a manter um equilíbrio saudável da mente e do corpo.

Azeviche: o escuro protetor contra o mal. Todos os arcanos da antiguidade, entre eles os celtas, reconheciam o enorme poder do azeviche contra os malefícios que atentam contra nós. Esse linhito de cor preta brilhante que fascina pelo simples olhar é, na realidade, uma planta fossilizada, o que talvez explique suas excepcionais vibrações. Diz-se que

era a gema favorita da rainha Vitória, que com ela afastava os pesadelos e as alucinações causadas pelo desespero após a morte de seu marido.

No plano medicinal, é aconselhado para transtornos psíquicos, como a histeria ou a depressão profunda, e tem efeitos favoráveis nas dores dentais e nas erupções e manchas cutâneas. No zodíaco celta está associado à cabra e ao mês de janeiro.

O REI AUSENTE

O diamante, considerado eternamente o rei das joias, foi cobinado desde a mais remota antiguidade por sua raridade e valor. Ainda em estado bruto e sem polimento, foi consagrado por diversas culturas orientais como um talismã de assombrosos poderes mágicos. Contudo, não foi esse o caso dos celtas, que não o incluem em sua gemologia mágica. Talvez por não conhecê-lo, já que se extraía quase exclusivamente da África do Sul e não foi talhado como joia antes do final do século XV. A magia Wicca o incorpora às vezes com virtudes semelhantes às que os druidas atribuíam à esmeralda.

Esmeralda: a potente vibração verde. Pedra belíssima, poderosa e cara, a esmeralda era ainda mais exótica e valiosa na época dos celtas. Apenas alguns poucos druidas mestres ou grandes chefes possuíam essa pedra, pois eram trazidas das minas do alto Egito. Felizmente, ao se estabelecer a magia Wicca, já se exploravam as jazidas americanas da Colômbia e do Brasil, que difundiram o uso da esmeralda na ourivesaria e na gemologia europeia.

Nos rituais, era utilizada como talismã de paz, segurança e prosperidade, qualidades que se estendiam à proteção individual e à boa sorte em todos os assuntos pessoais. Também era muito valorizada para induzir ao sono, aguçar a memória e combater infecções, convulsões e úlceras. Essa prestigiosa pedra verde está associada ao touro e ao mês de maio.

Fluorita: juventude de corpo e alma. Apesar de não ser uma gema de grande prestígio como joia, a fluorita era muito valorizada pelos druidas pela potente ação relacionada à saúde física e mental. Trata-se de um fluoreto de cálcio cristalizado na forma de cubos translúcidos que hoje se empregam sobretudo em bijuteria. Os celtas lhe atribuíam o enigma da eterna juventude na dimensão mais alta do espírito.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ABUNDÂNCIA

Não devemos entender a abundância apenas como o acúmulo de riqueza, mas sim como a conquista de uma vida plena de bens, materiais e espirituais, que nos proporcionem segurança e sossego. Se alcançarmos essa abundância de dons do destino, é nosso dever administrá-la com equidade e generosidade, porque somos apenas isto: administradores de algo que faz parte da harmonia cósmica, cujo fim último é o bem e a justiça.

Momento mais favorável

Entre o quarto crescente e a lua cheia, preferivelmente na primavera e no domingo.

Elementos básicos

Uma vela verde, pedra de esmeralda ou azeviche, mel, óleo de amêndoas, ervas frescas.

Encantamento tradicional

Acender no altar a vela mestra branca e de cada lado duas velas verdes do mesmo tamanho. Colocar na frente a pedra escolhida, rodeada de ervas frescas (menta, sálvia, valeriana etc.). Untar a frente com mel ou óleo de amêndoas e pronunciar o seguinte conjuro:

*Peço a abundância para mim e meu lar,
porque só aquele que tem pode dar.*

ADIVINHAÇÃO

Ainda que eles existam, não é fácil hoje em dia converter-se em um autêntico adivinho. O objetivo do encantamento é favorecer nossa capacidade de prever e antecipar o que pode ocorrer, o que corresponde tanto a “pressentimentos” como a uma inteligência desperta e atenta.

Momento mais favorável

Em noite de lua cheia, ou, melhor ainda, em um dos sábados do calendário celta. Se possível, o dia mais apropriado é a segunda-feira.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Momento mais favorável

Na noite de um domingo de data par, nos últimos 13 dias de um mês ímpar. É preferível que seja com lua nova ou cheia (se a questão for muito urgente, é aceitável qualquer noite que não seja segunda-feira).

Elementos básicos

Chama votiva, a varinha mágica, uma esmeralda ou outra pedra verde, uma toalha ou caminho de mesa vermelho, um punhado de pimenta-negra, três moedas de distinto valor (por exemplo, 1 real, 50 e 25 centavos), um saquinho de pele de camurça ou, melhor ainda, de javali ou porco selvagem.

Encantamento tradicional

Retirar todos os elementos do altar e cobri-lo com o caminho de mesa vermelho. Colocar no fundo e ao centro a chama votiva para que presida à sessão e a proteja. No meio do caminho de mesa formar, com as três moedas, os vértices de um triângulo equilátero e colocar no centro a esmeralda ou gema escolhida. Pegar a varinha entre o polegar e o indicador da mão direita e fazer passes horizontais sobre o triângulo mágico, repetindo sete vezes esta frase:

Devo e espero receber dinheiro.

Salpicar a pimenta sobre a gema e pegar as três moedas com a mão esquerda. Fechar a mão e levá-la sobre o ombro direito, dizendo:

O imprescindível e o necessário.

Levar a mão ao coração e dizer:

Para que não sofram aqueles que amo.

Estender a mão para frente e prometer:

E para usá-lo só com bom fim.

Introduzir as moedas no saquinho e deixá-lo a noite toda sobre a esmeralda ou pedra verde. Pegá-lo exatamente às sete horas da manhã seguinte e não se desprender dele até que se tenha superado o problema financeiro.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

